

---

# Grafito identifica Alter do Chão como *Abelterium*

JORGE ANTÓNIO  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO<sup>1</sup>

## R E S U M O

Num *imbrex* identificado no Verão de 2009, no decorrer dos trabalhos arqueológicos realizados em Alter do Chão, o operário *Vernaculus* foi anotando a quantidade de *imbrices* que ia fazendo. Teve, ainda, o cuidado de referir que se encontrava em *Abeltirium, ad Castorem*, sendo, pois, *Castor* o nome do proprietário da olaria.

## R É S U M É

Sur un *imbrex* identifié, l'été de 2009, pendant les travaux archéologiques en cours à Alter do Chão (district de Portalegre), l'ouvrier *Vernaculus* a annoté la quantité d'*imbrices* de chaque série qu'il était en train de faire. Il a écrit aussi que tout cela se passait à *Abeltirium, ad Castorem*, c'est-à-dire, à l'atelier de *Castor*. Il s'agit de la première référence épigraphique sûre qui nous donne l'identification de l'actuelle Alter do Chão avec la *civitas* d'*Abelterium*, mentionnée dans l'*Itinéraire d'Antonin*.

No decorrer dos trabalhos arqueológicos levados a efeito, no Verão de 2009, na Estação Arqueológica de Alter do Chão, foi descoberta uma telha romana (*imbrex*) com grafito, que identifica Alter do Chão com *Abelterium*.

Este singular achado foi efectuado durante a remoção do derrube do telhado do corredor, localizado atrás do *triclinium* da Casa da Medusa. Após a descoberta do primeiro fragmento com grafito, todo o restante derrube foi levantado e visto com redobrada atenção por vários elementos da equipa. Contudo, dada a natureza do achado, procedeu-se à recolha sistemática de todo o derrube, sendo este lavado no Laboratório de Arqueologia, no intuito de confirmar a existência de mais fragmentos, nos quais pudesse constar o restante texto. Felizmente logrou-se encontrar a quase totalidade dos fragmentos (sete), onde o operário de serviço de um telheiro foi anotando as contagens que ia fazendo das telhas colocadas ao sol para secar antes de irem para o forno (Fig. 1).

Trata-se, por isso, de um documento de excepcional importância histórica, até porque houve a preocupação de explicitar que o telheiro, pertença de um *Castor*, se encontrava em *Abelterium* e o operário se chamava *Vernaculus*.

Dimensões: comprimento – 36 cm; largura – 25,5 cm; espessura – 1,9 cm.



Fig. 1 Grafito sobre *imbrex*, gravado por *Vernaculus*.

Leitura interpretada:

VIIRNA/CVLVS / FECIT / IMBRICIIS / <sup>5</sup> AB[II]LTIRIO / AD CASTOREM / (*duo milia*) / (*mille*) / DCCCCL (*quinquaginta et nongenti*) / <sup>10</sup> DCCC (*octingenti*)

*Vernáculo fez, em Abeltério, à do Castor, tijolos 2000, 1000, 850, 800.*

Feito, seguramente, enquanto a pasta ainda estava mole, na altura em que, no telheiro, se estendiam as telhas ao sol para secar, o grafito obedece, do ponto de vista paleográfico, ao que é corrente nestas circunstâncias e em todas as épocas: os caracteres são cursivos, sem qualquer preocupação estética, pois o que interessa é a útil informação rápida acerca do que se está a fazer. Assim, os E são grafados com dois II, dado que as barras horizontais na pasta mole acabam por ser mais difíceis de traçar; aliás, é também por isso que as barras das letras se apresentam oblíquas, não horizontais, e, por vezes, mais compridas do que o habitual (caso do L, nomeadamente na l. 5) ou, ainda, mais breves, como se exemplifica no A; e nem sempre as hastes tocam umas nas outras a formar vértice ou, então, como acontece com o V, assume a forma de U, por ser gravado duma só vez. A cursividade é particularmente explícita no traçado do F. Não significa isso que o oleiro se

não tenha aprimorado, aqui e além, no traçado das letras, quer ‘sublinhando’ o vértice inferior com um traço (no R, no I, no A...) quer no elegante S final do seu nome, por exemplo.

Logrou-se recuperar a maior parte dos fragmentos — o que merece um louvor ao arqueólogo de campo na ocasião — de modo que não oferecem quaisquer dúvidas a leitura e a interpretação da totalidade do texto. De facto, também a l. 5, apesar da fractura, se nos afigura garantida: há a barra esquerda do A; o E deverá estar grafado com dois pequenos II como sucede na palavra IMBRICIIS. A hesitação poderia existir na linha seguinte: AD deve entender-se como preposição, que regerá um acusativo. Ou seja, se *Vernaculus* quis explicar que a sua actividade se exercia em *Abelirium*, não lhe bastou identificar o nome do aglomerado urbano (*civitas?*), quis também assinalar qual a oficina para que trabalhava: *ad* deverá entender-se, se nos é permitido o uso de uma expressão popular, “à do...”. Haverá, pois, o nome do proprietário da olaria: CASTOREM, resultando assaz curiosa a forma como, sendo a parte final do seu texto principal (digamos assim), faz uma espécie de anagrama ou rodriguinho (passe a expressão), com um E bem lançado vindo cá de trás na parte superior e gatafunhando rapidamente o M.

Seguem-se — e dá a impressão que se trata mesmo de gravação feita num segundo momento, já no ‘estendal’, mais em cima do joelho, com um pedaço de cana cortada (é claro o sulco duplo) — os números referentes às contagens que estão a ser feitas no momento em que se torna necessário saber quantos exemplares se encontram a secar: numa primeira linha, escreve-se o sinal indicativo de mil por duas vezes<sup>2</sup> e, seguramente, em dois momentos distintos, dada a sua posição relativa; na linha seguinte, apenas mil (e, aqui, já igual à forma 8 de Battle); depois, 950, com o D cortado por uma barra (como que a simular abreviatura), os quatro C muito cursivos e o L bem alto; ligeiramente mais abaixo e já mais descuidada a gravação do último número visível, com o D mal enjorcado (aberto em baixo) e os CCC mais pequenos: 800, presumivelmente — porque o *imbrex* está partido aí e não sabemos se existiria mais alguma letra.

A antroponímia patente é sugestiva. De facto, *Vernaculus* tem o significado etimológico, latino, de “nativo”, mas daí não se podem retirar ilações quanto à sua categoria social<sup>3</sup>, ainda que a presença de *Caesia Vernacula, liberta*, em Évora (IRCP 389), e de uma *serva* em dedicatória a Endovélico (Alandroal, IRCP 515) nos possam inclinar para lhe atribuir uma condição de escravo, o que até nem seria anormal no caso de um trabalhador de olaria. *Castor* — nome que, na Lusitânia, só se identificou em Faro (IRCP 17), fornecendo Abascal (1994, p. 319) mais dois testemunhos na Península: um em Huerta del Rey e outro em Lebrija — é, ao invés, antropónimo etimologicamente grego e, inclusive, devido à sua eventual relação cultural com a mitologia<sup>4</sup>, não nos repugnaria que identificasse aqui alguém de categoria servil, ainda que proprietário de um telheiro.

Duas, porém, são as informações relevantes que *Vernaculus* nos deixou.

Prende-se uma com as quantidades de *imbrices* que poderia comportar um estendal, dado que expressamente ainda não tivéramos, ainda que o houvésemos sugerido já aquando do estudo do tijolo de *Eburobritium*, onde se escreveu VSQVE HIC CCC, “até aqui 300”, mnemónica também de um trabalhador de olaria (Encarnação & Moreira, 2005, p. 134; Encarnação, 2009, pp. 18–20) relacionável com os números grafados em tijolos de Conímbriga, a mostrar preocupações de ‘contabilidade’ e de controlo da produção. Poder-se-á ainda argumentar que, se se identifica uma olaria, é porque outras haverá no local — e esse constitui, sem dúvida, um raciocínio lógico: quantos oleiros não temos nós, hoje, em S. Pedro do Corval, por exemplo?

Contudo, a informação maior é a de que nos encontramos em... *Abelirium*! O I está suficientemente claro para que se não suponha nem um lapso nem a hipótese de haver outro ao lado para dar o que as fontes indicam como *Abelterium*. A identificação, portanto, de Alter do Chão como *Abelirium* no tempo dos Romanos teve, aqui e agora, a confirmação cabal, sendo despicienda,

como se sabe, a alternância e/i na linguagem oral. Efectivamente, já André de Resende (1593, fol. 255) identificava *Elteri* com Alter do Chão. Jorge Alarcão (1974, p. 74), depois de ter hesitado na identificação de *Abelterium* com Alter do Chão, devido à escassez dos vestígios arqueológicos, na terceira edição desse mesmo livro (Alarcão, 1983, p. 81) escreve: “*Abelterium* ficava perto de Alter do Chão ou coincidia mesmo com esta localidade”; em 1988, vem “*Abelterium* (Alter do Chão)” (Alarcão, 1988, p. 51) sem mais; e, em 1990, afirma categoricamente “Alter do Chão corresponde à antiga *Abelterium*” (Alarcão, 1990, p. 363) e lança mesmo a hipótese de ter existido “uma *civitas* com sede em Alter do Chão” (Alarcão, 1990, p. 364). É, pois, bem provável que, hoje, “os achados arqueológicos feitos na vila” já não sejam “insuficientes para demonstrar a capitalidade do povoado” (Alarcão, 1990, p. 363) — o que vem, por conseguinte, reforçar a viabilidade da sua hipótese.

Uma derradeira conclusão importa tirar, em tom de recomendação aos arqueólogos: é imprescindível uma cada vez mais cuidada atenção aos materiais cerâmicos, por mais banais que pareçam, por mais fragmentados que estejam, pois em singelo grafito pode estar a solução para uma interessante questão histórica.

---

## NOTAS

- <sup>1</sup> Este trabalho integra-se no projecto de investigação do grupo *Epigraphy and Iconology of Antiquity and Medieval Ages*, do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto (Unidade I&D n.º 281 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).
- <sup>2</sup> Trata-se aqui de uma forma mista daquelas que Battle (1946, p. 23, fig. 28) identifica com os n.ºs 6 e 8: são triângulos unidos em jeito de X comprido, mas os vértices unem-se por um arco.
- <sup>3</sup> Curiosamente, é um dos antropónimos pouco comuns na onomástica do Império Romano, sendo, porém, a Península Ibérica e, designadamente, a Lusitânia uma das zonas em que mais vezes ocorre. Iiro Kajanto (1965, p. 312) salienta o seu maior uso por parte das mulheres, indicando que, em 10 ocorrências no conjunto do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, 5 são de Hispânia. Juan Manuel Abascal (1994, pp. 542-543) dá conta de 7 mulheres com esse nome e 9 homens. Em Navarro & Ramírez (2003, pp. 338-399, mapa 322), registam-se 15 testemunhos.
- <sup>4</sup> Castor e Pólux, os celebrados Dióscuros... Não é invulgar que os senhores dêem a seus escravos nomes ligados a divindades ou a heróis da mitologia: *Hermes, Nympha*...

---

## BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ALARCÃO, Jorge de (1974<sup>2</sup>) - *Portugal romano*. 2.ª ed. (1973<sup>1</sup>). Lisboa: Verbo (Col. “Historia Mundi”; 33).
- ALARCÃO, Jorge de (1983<sup>3</sup>) - *Portugal romano*. 3.ª ed. (1973<sup>1</sup>). Lisboa: Verbo (Col. “Historia Mundi”; 33).
- ALARCÃO, Jorge de (1990) - O reordenamento territorial. In ALARCÃO, Jorge de, ed. - *Nova História de Portugal, I: Portugal das origens à romanização*. Lisboa: Presença, pp. 352-382.
- BATTLE HUGUET, Pedro (1946) - *Epigrafia latina*. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- ENCARNAÇÃO, José d’; MOREIRA, José Beza (2005) - Epigrafia de *Eburobrittium*. In *Actas do Congresso A presença romana na Região Oeste*. Bombarral: Câmara Municipal, pp. 131-134.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (2009) - A epigrafia do momento: grafitos... a comunicação sedutora. In ANGELI BERTINELLI, Maria Gabriella; DONATI, Angela, eds. - *Opinione pubblica e forme di comunicazione a Roma: il linguaggio dell’epigrafia: atti del Colloquio AIEGL - Borghesi 2007*. Faenza: Lega, pp. 18-20 < <http://hdl.handle.net/10316/11470> >.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, José d’ (1984) - *Inscrições romanas do conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia.
- KAJANTO, Iiro (1965) - *The Latin cognomina*. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica.
- NAVARRO CABALLERO, Milagros; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis, eds. (2003) - *Atlas antropológico de la Lusitania romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos; Bordeaux: Ausonius.
- RESENDE, André de (1593) - *De antiquitatibus Lusitaniae*. Évora: Martinus Burgensis.